

O CONTROLE DE DENGUE A PARTIR DA ESCOLA

Adicélia Francisco Duarte Alves
Geógrafa, Teóloga e estudante de
Pedagogia da Faculdade de Educação – UFG
adiceliaduarte@yahoo.com.br

O CONTROLE DE DENGUE A PARTIR DA ESCOLA

Este trabalho tem o propósito de estimular a prevenção da Dengue através do controle do mosquito *Aedes aegypti* tanto no ambiente escolar como na comunidade. O controle da dengue é um processo educacional que deve ser adquirido pela população. É importante incentivar a comunidade a adotarem maneiras de prevenção da doença criando formas de impedir o agente transmissor de proliferar. As crianças precisam ser estimuladas desde os anos iniciais, pois é onde elas recebem as noções formais do saber e carrega-as por grande parte da vida. Por isso deve-se fazer a releitura da educação como processo liberador, integrador e comunitário. O processo liberador diz respeito à educação do indivíduo como expressão espontânea, criadora e original. O integrador reporta à função social da educação como matriz de desenvolvimento sócio-econômico e vetor de equilíbrio regional. O comunitário converge para o saber e a cultura coletivos, como fontes inesgotáveis da ação escolar.

A dengue é uma doença infecciosa febril aguda causada por um vírus da família Flaviridae e é transmitida através do mosquito *Aedes aegypti*, que também infectado pelo vírus. Atualmente, a dengue é considerada um dos principais problemas de saúde pública de todo o mundo. Em todo o mundo, existem quatro tipos de dengue, já que o vírus causador da doença possui quatro sorotipos: DEN-1, DEN-2, DEN-3 e DEN-4. A dengue pode se apresentar – clinicamente - de quatro formas diferentes formas: Infecção Inaparente, Dengue Clássica, Febre Hemorrágica da Dengue e Síndrome de Choque da Dengue. Dentre eles, destacam-se a Dengue Clássica e a Febre Hemorrágica da Dengue.

A Dengue Clássica é uma forma mais leve da doença e semelhante à gripe. Geralmente, inicia de uma hora para outra e dura entre 5 a 7 dias. A pessoa infectada tem febre alta (39° a 40°C), dores de cabeça, cansaço, dor muscular e nas articulações, indisposição, enjôos, vômitos, manchas vermelhas na pele, dor abdominal (principalmente em crianças), entre outros sintomas. Os sintomas da Dengue Clássica duram até uma semana. Após este período, a pessoa pode continuar sentindo cansaço e indisposição.

A Dengue Hemorrágica é uma doença grave e se caracteriza por alterações da coagulação sanguínea da pessoa infectada. Inicialmente se assemelha a Dengue Clássica, mas, após o terceiro ou quarto dia de evolução da doença surgem hemorragias em virtude do sangramento de pequenos vasos na pele e nos órgãos internos. A Dengue Hemorrágica pode provocar hemorragias nasais, gengivais, urinárias, gastrointestinais ou uterinas.

A Síndrome de Choque da Dengue é a forma mais séria apresentação da dengue e se caracteriza por uma grande queda ou ausência de pressão arterial. A pessoa acometida pela doença apresenta um pulso quase imperceptível, inquietação, palidez e perda de consciência. Neste tipo de apresentação da doença, há registros de várias complicações, como alterações neurológicas, problemas cardiorrespiratórios, insuficiência hepática, hemorragia digestiva e derrame pleural. Entre as principais manifestações neurológicas, destacam-se: delírio, sonolência, depressão, coma, irritabilidade extrema, psicose, demência, amnésia, paralisias e sinais de meningite.

Se a Dengue não for tratada com rapidez, pode levar à morte, mas se for tratada com a prevenção adequada por parte da população, poderá ser controlada e, até mesmo, erradicada. A escola tem um papel fundamental nesse processo, pois pode criar projetos e colocá-los em ação junto com a comunidade, digo mais, a Dengue pode ser controlada a partir da escola. Para que este objetivo seja atingido deverá haver a estimulação de alunos e familiares a tomar medidas preventivas contra o mosquito, como fazer vistoria periódica e contínua nas casas, envolver a comunidade escolar (professores e alunos), conscientizar alunos e familiares que a melhor forma de prevenir é agir com responsabilidade e levar professores, alunos e familiares a compreenderem que a solução está em nossas mãos.

É muito importante que este projeto faça parte do planejamento anual e seja implantado no início do ano letivo, para ser trabalhado no decorrer do ano e para que os alunos o assimilem com naturalidade no processo educacional escolar e faça parte de suas vidas.

Inicialmente temos que entrar em contato com a Secretaria Municipal de Saúde e o Centro de Zoonozes para agendar teatro de fantoches para os alunos do Jardim 1 ao 5º ano, pois as crianças menores aprendem melhor brincando e eles não conseguem compreender claramente as palestras. Já para os alunos a partir do 6º ano até o 2º grau e também alunos de EJA, é necessário agendar palestras.

O Centro de Zoonozes oferece cartazes e panfletos informativos para que o evento seja divulgado. Desse material cedido, o professor deve fazer uso do gibi (figuras 1 a 4) porque os alunos gostam muito de ler gibis e se for utilizado panfletos muitos alunos jogam fora, fazem

bolas e jogam no lixo ou, até mesmo, deixam em cima da mesa. Mas o uso dos gibis não deve ser aleatório, deve ser feito antes de a equipe do Centro de Zoonoses ir à escola, pois quando forem os alunos terão condições de fazer perguntas e participar tanto do teatro como das palestras fazendo uso dos conhecimentos prévios. As professoras podem trabalhar os gibis inserindo-os nos conteúdos de todas as matérias de forma interdisciplinar.



Figura 1

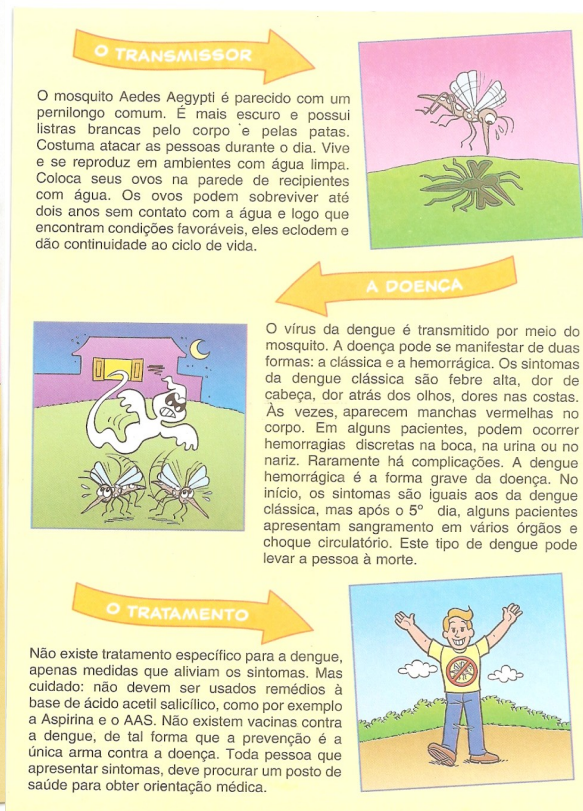


figura 2



Figura 3



Figura 4

Após essa fase inicia-se o trabalho anual que consiste em distribuir os panfletos (figura 5 e 6) aos alunos para que eles possam, junto com um responsável, vistoriar e marcar a área correspondente à vistoria com lápis. A professora deverá pedir aos alunos para colocarem seus nomes, ano e turma, à caneta, nos panfletos. Isso é necessário porque o aluno deve conservar o seu panfleto durante todo o ano letivo e, com isso, ele estará praticando a educação ambiental.

O controle consiste em estipular datas para as vistorias e para as devoluções dos panfletos, recolher e anotar a vistoria do aluno na data correspondente, guardá-los para serem usados na próxima vistoria e incentivar os alunos a envolver os familiares e os vizinhos nesse processo. Esse panfleto deve ser entregue à professora de 30 em trinta dias (se for período chuvoso de 15 em 15 dias) para que ela possa registrar essa vistoria, apagar as marcas feitas à lápis e devolver ao aluno na próxima vistoria marcada.

O aluno precisa ser incentivado a participar desse projeto e a forma que eu encontrei foi acrescentar pontos na média das matérias Ciências e Geografia. Das turmas em que esse projeto foi aplicado nenhum aluno, pessoa integrante de sua família ou que mora no lote vistoriado contraiu Dengue, mas nas salas em que não foi realizado houve casos de Dengue.

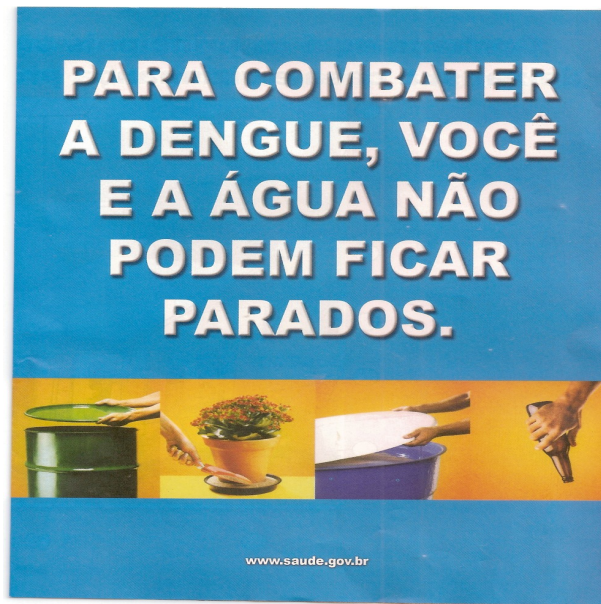


Figura 5



Figura 6

Os alunos que têm os vistos completos recebem 1.0 (um) ponto na média bimestral nas disciplinas de Ciências e Geografia. Não dá muito trabalho, só é preciso um pouco de boa

vontade por parte dos professores, envolvimento e compromisso da escola com o exercício da cidadania.

Precisamos de professores que trabalhe em um processo educacional libertador e que estimule e provoque seus alunos a um novo modo de pensar e olhar o futuro.

“... provoque os alunos, forneça-lhes um novo ponto de vista, uma nova orientação para o olhar, desafie as ideias comuns e as convicções confortáveis que eles trouxeram consigo, transforme-os em colegas seus, trate de impulsioná-los para suas próprias buscas intelectuais e espirituais.”
(WILSON, 2008 p. 151)

Creio que a solução para essa educação libertadora seja o investimento na educação, desde os anos iniciais. O comprometimento das escolas, professores e alunos poderia levar nossas crianças à chamada educação consciente. Dessa forma, o que está faltando é o investimento na educação infantil. O respeito pelo conhecimento que a criança traz de seus lares e se esses conhecimentos não condisserem com a vida da Terra, tentar, através de aulas práticas e teóricas das diversas disciplinas, apresentar saberes adequados para que essa criança possa substituí-los.

Todos os alunos que fizeram esse trabalho comigo, com raras exceções, tiveram em primeiro momento dificuldades em mudar a forma de pensamento da família e vizinhos da necessidade da vistoria em suas casas e lotes. É interessante que, como só entreguei um panfleto para cada aluno e eles eram responsáveis por esses panfletos, muitos tomaram a iniciativa de fazer xerox e distribuir para os vizinhos e parentes. Alguns relataram que bateram na porta de vizinhos e explicaram sobre o trabalho e que gostariam que participassem com eles. Desses vizinhos, alguns permitiam que o aluno entrasse em seus lotes e fizessem a vistoria sozinhos, outros já ajudavam, já outros não aceitavam fazer a vistoria e, às vezes nem conversar sobre o assunto.

Para os que não aceitavam ou que não queriam nem conversar sobre o assunto os alunos utilizaram um tratamento de choque eficaz: colocavam crianças pequenas, entre 3 a 7 anos para pedir a esses vizinhos que deixassem eles cuidarem ou ajudarem a eles a cuidarem de seus lotes. Os adultos ficavam envergonhados ou “amolecidos” e eles mesmos ajudavam a fazer a vistoria em seus lotes.

Quando implantei esse mesmo projeto em uma escola da rede estadual com a turma de EJA houve um aproveitamento de 100% dos alunos que participaram, mas me senti muito

sozinha porque não houve interesse por parte da direção, coordenação e, principalmente, dos professores. Falo principalmente porque esse trabalho deve partir do professor, pois é ele que está em maior contato com os alunos e tem certa influência junto a eles. E quando implantei na rede privada continuei a me sentir sozinha porque nenhum professor quis participar alegando que dava trabalho, somente a professora de ciências, por se sentir constrangida, aceitou participar, mas não foi de grande ajuda, pois ela simplesmente entregou os gibis e os panfletos aos alunos e esqueceu o assunto. Parte desse material eu encontrei nos cestos de lixo da escola.

A Dengue pode ser controlada? Pode, com certeza. Mas para que isso ocorra, volto a dizer, é preciso comprometimento de todo o universo escolar e da população em geral.

Um dos educadores mais provocantes nos diz:

“A preocupação com as crianças, adolescentes e jovens passou a ser das famílias e das escolas, da sociedade, dos governos e da mídia, das ciências humanas, do direito e das políticas sociais”. (Arroyo, 2004).

Tanto a família quanto a escola visa preparar os jovens para desempenhar suas funções na sociedade. Então a solução mais viável é haver oferecimento por parte do corpo docente, de cursos, palestras, oficinas, que ofereçam subsídios aos pais para que possam acompanhar seus filhos e a escola em suas atividades para que haja um pleno desenvolvimento no âmbito da escola/sociedade.

Levando em consideração que a região é o espaço de serviços e o espaço político, os sentimentos de vizinhança, de solidariedade, de comunidade devem misturar-se aos critérios mais racionais de interdependência e homogeneidade; então a região se transformará em um quadro de vida e fora dessa perspectiva, a escola será uma instituição estéril que verdadeiramente não educa, porque, ao invés de comunicação fazem comunicados.

Deve-se fazer a releitura da educação como processo liberador, integrador e comunitário. O processo liberador diz respeito à educação do indivíduo como expressão espontânea, criadora e original. O integrador reporta à função social da educação como matriz de desenvolvimento sócio-econômico e vetor de equilíbrio regional. O comunitário converge para o saber e a cultura coletivos, como fontes inesgotáveis da ação escolar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres* / Miguel G. Arroyo. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CARNEIRO, Moaci Alves. *Educação comunitária: faces e formas* / Moaci Alves Carneiro. – Petrópolis. Ed. Vozes; [Belo Horizonte]: CENAEC, 1985.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE: Departamento de Controle de Zoonozes.

WILSON, Edward O. *A Criação: como salvar a vida na Terra* / E. O. Wilson: tradução Isa Maria Lando. Revisão técnica Roberto Fanganiello. – São Paulo: Companhia das Letras.

WWW.saude.gov.br